

Interessa

Cai qualidade de sêmen brasileiro

Página 17

Alerta. Pesquisadores acreditam que a obesidade é um dos maiores responsáveis

Estudo inédito mostra queda na qualidade de sêmen do brasileiro

Pesquisa coletou dados de mais de 9.000 homens entre os anos 1989 e 2016

■ THUANY MOTTA

Quando um casal tem dificuldades para engravidar, a tendência é que a suspeita recaia, primeiramente, sobre a mulher. No entanto, a resposta para essa situação pode estar do outro lado: uma pesquisa inédita – a primeira a ter uma grande amostra, por um longo período de acompanhamento no país – aponta que a qualidade de sêmen dos brasileiros está caindo nas últimas três décadas.

O estudo foi realizado pela bióloga Anne Ropelle em sua dissertação de mestrado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), na **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**.

Orientada pelo professor e ginecologista Luiz Francisco Baccaro, ela coletou amostras duplas de 9.495 homens atendidos pelo Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism) da universidade, entre 1989 e 2016. Com queixas de não engravidarem suas mulheres, eles vinham ao hospital com abstinência sexual de três a cinco dias, faziam a coleta no dia da consulta e dali a 15 dias.

Para chegar ao resultado, Anne dividiu os exames em cinco períodos, analisando



@DOVMICHAELI / TWITTER

Análise. Os cientistas avaliaram a motilidade (capacidade de movimentação) e a morfologia (forma) do sêmen

dos principais padrões que medem a qualidade do sêmen: concentração seminal (quantidade de espermatozoides por mililitro (mL), entre 1989 e 1995 para 48,32 milhões/mL entre 2011 e 2016. A taxa considerada saudável pela OMS é de 15 milhões/mL. “O número ainda está acima do recomendando, mas a queda para mais da metade é preocupante”, diz Anne.

RESPOSTAS. Usando como base os parâmetros da Organização Mundial de Saúde (OMS), a bióloga constatou, por exemplo, que a con-

centração seminal passou de 86,4 milhões de espermatozoides por mililitro (mL), entre 1989 e 1995 para 48,32 milhões/mL entre 2011 e 2016. A taxa considerada saudável pela OMS é de 15 milhões/mL. “O número ainda está acima do recomendando, mas a queda para mais da metade é preocupante”, diz Anne.

Outros dados verificados revelam que a porcentagem com boa motilidade baixou de 47,6% para 35,9% e o índice dos que tinham formas normais caiu de 12% para 3,7%.

A pesquisadora conta que a investigação teve ou-

tros estudos estrangeiros como referências. “Neles, vimos que alguns fatores de risco como obesidade, estresse, tabagismo, alcoolismo, sedentarismo e maus hábitos alimentares podem estar entre as influências. Acreditamos que eles possam ser os mesmos aqui no país”, aponta Anna.

Segundo ela, os próximos passos agora incluem um aprofundamento na pesquisa. “Meu objetivo é prosseguir com o mesmo tema para o doutorado. Quando chegar a hora, esperamos analisar outros critérios importantes para a reprodutividade masculina”, finaliza.

Flash

Impacto.

“Um homem de 20 anos em 1989 tinha mais chances de engravidar uma mulher naturalmente do que um da mesma idade hoje”, afirma a bióloga Anne Ropelle.

Fatores de risco requerem uma atenção urgente, diz urologista

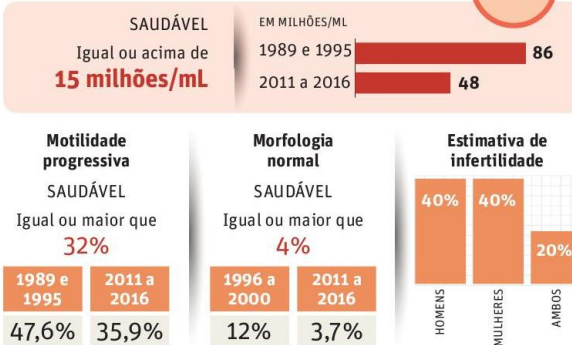
■ O urologista Carlos Barros, coordenador geral do departamento de sexualidade e reprodução da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), faz um alerta aos fatores de risco que podem contribuir, diretamente, para o cenário constatado na pesquisa. “Ainda não há nenhum estudo comprovando a ação direta, mas acreditamos que o estilo de vida adotado nas últimas décadas – não apenas pelos homens brasileiros, mas no mundo in-

teiro – seja um agente importante para esse cenário”, diz.

De acordo com o médico, apesar de a população ter mais acesso a informações do que as outras gerações, é urgente uma mudança de hábitos. “Todo homem que chega ao meu consultório é orientado a fazer exercício físico, ter uma alimentação balanceada e a praticar atividades que aliviem o estresse. Isso é fundamental para a saúde reprodutiva do casal: ele tem 50% de responsabilidade”, afirma. (TM)

LEVANTAMENTO

Concentração média de espermatozoides



Fonte: UNICAMP/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS)

meu problema é

Qual é a diferença entre depressão e síndrome de burnout?

ISMÊNIA FERNANDES, BELO HORIZONTE

A síndrome de burnout tem relação com as atividades de trabalho. A depressão também pode ter, mas não necessariamente.

Como é um quadro que se desenvolve ao longo do tempo, podem-se notar diferentes sintomas dependendo do estágio.

Em situações iniciais da síndrome, é possível que não sejam preenchidos os critérios de depressão como ansiedade, descontentamento, fadiga, excesso de sono ou falta dele etc.

Esses critérios, no entanto, são preenchidos nos quadros mais intensos. Ou seja, os estudos mostram que, em termos dos sintomas, não se pode considerar a síndrome de burnout como diferente da depressão.

A síndrome foi mais estudada em profissões que envolvem o cuidado com terceiros, como profissões da área de saúde e educação, mas também ocorre com profissionais de outras áreas.

Cíntia Satiko Fuzikawa, psiquiatra, psicoterapeuta e professora adjunta do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

103

casos de sarampo

foram registrados neste ano no Brasil, até o dia 30 de abril, segundo o Ministério da Saúde. Duas pessoas morreram devido a complicações em consequência da doença.

AGENDA

Acne e infecções cutâneas

O programa de rádio “Saúde com Ciência” desta semana apresenta uma série com tipos, causas e formas de tratamento da acne, micoses e furúnculo. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, na rádio UFMG Educativa, 104,5 FM, em três horários: 5h, 8h e 18h, e em outras 187 emissoras de rádio em todo o país. Na internet, confira o site www.medicina.ufmg.br/radio.

Saúde do adulto

A Faculdade de Medicina da UFMG recebe inscrições de interessados nas seleções de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto para o segundo semestre de 2018. As inscrições devem ser feitas até 5 de junho, de segunda a sexta-feira, exceto em feriados e recessos acadêmicos, das 8h30 às 11h30, na secretaria do Centro de Pós-Graduação, sala 503, no quinto andar da faculdade. Outras informações: www.medicina.ufmg.br.

Esta coluna é uma parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Envie sua sugestão com nome e endereço completos para o e-mail saude@otempo.com.br.